

# ESTRESSE, DOR E LESÕES MÚSCULO-ESQUELÉTICAS EM PROFESSORES DE CASCAVEL – PR



Vol. 12 Número 24 Jan./Abr. 2017

*Ahead of Print*

## STRESS, PAIN AND INJURIES IN SKELETAL MUSCLE - CASCAVEL TEACHERS- PR

**Marceli Schuster<sup>1</sup>**

**Tania Maria Rechia Schroeder<sup>2</sup>**

**RESUMO** - Esta pesquisa aborda o adoecimento de professores com o objetivo de identificar as doenças que têm causado seus afastamentos do trabalho na Rede Municipal de Educação de Cascavel, PR. Foram realizados levantamentos em atestados médicos cadastrados no ano de 2014 junto à Divisão de Medicina e Segurança do trabalho da Prefeitura Municipal de Cascavel para uma análise quanti-qualitativa, por meio da técnica de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011). A análise dos atestados cadastrados evidenciou que dos 394 atestados averiguados 96 % eram de professoras, a idade média foi de 41,83 anos e as doenças mais recorrentes foram Transtornos Mentais ou Emocionais (25,38%), Traumas e Contusões (22,84%) e Distúrbios Músculo Esqueléticos (13,95%).

**PALAVRAS-CHAVE:** profissão docente; adoecimento; afastamento do trabalho.

**ABSTRACT** - This research deals with the illness of teachers in order to identify diseases that have caused their sick leave in the Municipal Network of Education Cascavel, PR . Surveys were conducted in registered medical certificates in 2014 by the Division of Occupational Health and Safety of the City Hall work Cascavel for a quantitative and qualitative analysis, by Laurence Bardin content analysis technique (2011). The analysis of the registered certificates showed that of the 394 certificates investigated 96% were teachers, the average age was 41.83 years and the most frequent diseases were Mental or Emotional Disorders (25.38%), trauma and contusions (22.84%) and Skeletal Muscle Disorders (13.95 %).

<sup>1</sup>Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

<sup>2</sup>Pós-doutorado pela Universidade de Sorbonne e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

**KEYWORDS:** teaching profession; illness; absence from work.

## Introdução

Esta pesquisa aborda a temática do adoecimento de professores da Rede Municipal de Educação de Cascavel, PR, com vistas a identificar quais são as principais doenças que têm acometido os professores da rede municipal de Cascavel considerando-se que, atualmente, vem ocorrendo números significativos de afastamentos de professores por motivos de adoecimento no município de Cascavel, PR.

O Estado do Paraná tem aproximadamente 80.000 (oitenta mil professores cadastrados na rede) e, por ano, 12.000 (doze mil docentes) são afastados das suas funções por motivos de doença. Até junho de 2014, foram registrados 4.471 (quatro mil e quatrocentos e setenta e um) afastamentos e, de acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID), os fatores que mais impedem as atividades dos professores são: alterações do sistema osteomuscular e tecidos conjuntivos, lesões tanto em membros superiores como inferiores ou transtornos mentais e de comportamento (PARANÁ, 2014). O Município de Cascavel, segundo dados da Secretaria Municipal de Administração junto à Divisão de Desenvolvimento de Pessoal (DPRH), contava com 1.480 professores cadastrados e em atividade no ano de 2014.

A problemática em questão demonstra a importância considerar-se que estabelecemos complexas interações com o mundo e que nossos corpos são arcabouço e recurso de manifestações. Assim, não basta entendê-lo apenas como alma ou máquina; é preciso entender o corpo como resultado provisório de diversas pedagogias, de diferentes épocas e de lugares, marcados muito mais pela cultura do que pela essência natural. Ele adquire diferentes sentidos no momento em que é investido por um poder regulador que o ajusta em seus menores detalhes, impondo limitações, autorizações e obrigações, para além de sua condição filosófica (SOARES, 2006).

## Adoecimento e condições de trabalho do professor

O adoecimento dos professores vem sendo correlacionado às condições de trabalho de forma crescente na literatura educacional. De acordo com Souza et al. (2003), até 1960 grande parte dos trabalhadores da docência gozavam de uma segurança material, empregos estáveis, prestígios sociais e bons salários. Porém, a partir de 1970, a expansão da população provocou o crescimento do funcionalismo e dos serviços públicos gratuitos, entre eles a educação.

Sabe-se que, desde então, a atividade docente tem sido marcada por significantes desafios, mudanças, reflexos dessas e de constantes transformações relacionadas ao mundo de trabalho. Essas condições acarretaram em múltiplas exigências, que vêm mostrando suas consequências nos dias de hoje.

Em tempos de crise e de pouco investimento na educação, o único elemento passível de ajuste é o próprio trabalhador, que neste caso vive diretamente todas essas alterações. Segundo Gasparini et al. (2005), ampliou-se a missão do profissional docente para além da sala de aula, a fim de garantir, mesmo em tempos difíceis, uma articulação entre a comunidade e a escola. Além disso, foi transferida ao profissional a responsabilidade de preencher as lacunas na instituição, buscando com seus próprios recursos formas de requalificação para melhor remuneração.

Neste sentido, é importante considerar que a forma de organização do trabalho na modernidade, marcada pela racionalização do trabalho, parcelarização e rotinização do trabalho, põe em ativo um processo que passa pela ruptura entre trabalho como

expressão da realização humana e trabalho como mercadoria. No caso do trabalho dos professores, este processo se instala de modo a impor dentro da escola um processo de racionalização do trabalho que leva à perda de autonomia, desqualificação e perda de controle do processo e produto do trabalho (LANDINI, 2006, p. 4).

O que se pode extrair da educação escolar atual é que ela está marcada pela desigualdade social, divisão social do trabalho, expropriação e exploração cada vez maior da maioria da população. De acordo com Silva (2010), a profissão docente pode gerar prazeres, sofrimentos e adoecimentos.

As pesquisas vêm demonstrando que os sofrimentos podem ser decorrência das impossibilidades ou das dificuldades que os docentes enfrentam para exercer e/ou concretizar suas atividades profissionais devido às condições inadequadas para o exercício de seu trabalho. Esse sofrimento pode estar diretamente ligado ao adoecimento que, por sua vez, é um agravamento do sofrimento que imprime no corpo a repulsa destes em relação à organização e às formas da atividade ocupacional (SILVA, 2005).

Neves (1999), ao pesquisar o trabalho docente e a saúde mental – a dor e a delícia de ser (tornar-se) professora –, relacionou o trabalho docente e a saúde mental ao cenário contemporâneo, em que a organização do trabalho, as técnicas de gestão, os rígidos regulamentos acabam por criar um mal-estar docente, revelado por sinais de ansiedade, depressão e fadiga no trabalho.

Como mencionado acima, essa constante modificação no cenário do trabalho docente vem gerando sobrecarga e intensificação das atividades, no que diz respeito a ambiente de trabalho, carga horária, remuneração e reconhecimento social. Dessa forma este quadro de situações interferem diretamente na saúde do professor, provocando seu desgaste psíquico e físico (MORAES CRUZ, 2010).

Araújo et al. (2005) afirmam o quão escassa é a literatura sobre condições de trabalho e saúde de docentes, quando comparada a outras áreas trabalhistas. Até pouco tempo atrás, os estudos privilegiavam as relações entre saúde e trabalho, em contextos fabris, onde a relação entre trabalho e saúde é mais direta e os riscos à saúde são mais evidentes. No entanto, não se pode dissociar o professor da condição de trabalhador, mesmo que ele se diferencie do trabalhador assalariado, que trabalha diretamente no “chão de fábrica”. Isso porque tal profissional também está situado na sociedade capitalista e, por sua vez, tem suas atribuições estabelecidas em condições de trabalho que favorecem o adoecimento.

Apesar de o número de estudos sobre essa temática ser ainda incipiente, verifica-se que a partir 1999 vêm aumentando o número de estudos que investigam a relação entre a saúde e o trabalho, correlacionando esses fatores com sua natureza e suas implicações na vida do professor. Além de os estudos serem recentes e nem todos mostrarem-se com experiência significativa, Helga Rienhold se destacou ao publicar, em 1985, um estudo sobre as fontes e os sintomas de estresse ocupacional em professores brasileiros (MORAES CRUZ, 2010).

Codo (1999) relata que, a partir da década de 1990, o Brasil começou a publicar com maior notoriedade estudos sobre saúde e trabalho dos docentes. Estes abordavam o estresse, as condições de trabalho e a saúde, e os seus resultados elucidavam correlações expressivas na piora da qualidade da saúde dos professores com a desvalorização profissional e a falta de reconhecimento, aliadas às péssimas condições salariais, ao excesso de jornada de trabalho e ao número elevado de alunos por sala de aula.

A partir daí, o trabalho docente começou a aparecer com maior frequência como tema de estudos, com o incentivo de formação de grupos e de redes de pesquisadores organizados para esse fim (GASPARINI et al., 2005). A criação da Rede Latino-Americana de Estudos Sobre Trabalho Docente (Rede ESTRADO), criada em 1999 no Rio de Janeiro, em

reunião do Grupo de Trabalho do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO) “Educação, trabalho e exclusão social”, esteve vinculada à consolidação do campo de estudos sobre o trabalho docente, no qual, a partir de diferentes perspectivas e disciplinas, inúmeros pesquisadores latino-americanos vinham realizando pesquisas em diversas instituições, principalmente universidades e sindicatos. O objetivo de propiciar esse intercâmbio entre pesquisadores latino-americanos que se debruçam sobre a temática “trabalho docente” tem revelado processos de adoecimento entre docentes e defendido a necessidade de intervenções nas condições laborais dos professores.

Em diferentes áreas de conhecimento, as condições de saúde e trabalho dos profissionais da educação têm despertado interesse em pesquisas, como na própria educação, na enfermagem, na fisioterapia, na medicina, na psicologia e sociologia, na ergonomia e na saúde pública. O surgimento recente destes temas de pesquisa contribuiu para revelar preocupações relativas às condições em que os docentes vêm exercendo suas profissões e ao impacto provocado em sua saúde atual ou futura.

Entretanto, Moraes Cruz (2010) pondera que os estudos sobre o tema precisam ser mais aprofundados, indiferentemente de área de origem ou concentração, a fim de serem obtidos dados mais substanciais sobre o trabalho dos professores, que atualmente vêm apresentando agravos de saúde que vão desde problemas de voz ou respiratórios, passando por Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), chegando a quadros de depressão, estresse e muitos outros acometimentos.

Os estudos datados da década de 90 vinculados à saúde do professor se correlacionavam apenas com o adoecimento físico, de modo que os pedidos de afastamento estavam ligados a fatores de ordem de distúrbios da voz, especificamente a calosidade das cordas vocais e disfonias (MORAES CRUZ, 2010).

Na pesquisa de Codo (1999) sobre a saúde do docente relacionada às condições de trabalho, foi realizada uma comparação do cenário nacional com estudos sobre as condições de trabalho de docentes americanos e europeus. Em tal comparação, evidenciou-se que os docentes brasileiros são trabalhadores em condições precárias que, por sua vez, estão mais propensos ao adoecimento físico e psicológico.

Carlotto e Palazzo (2006), em pesquisa realizada com 217 professores de escolas particulares da região metropolitana de Porto Alegre, encontraram como possíveis fatores de risco de Burnout: exaustão emocional, elevado número de alunos e carga horária; e como fatores de estresse no trabalho: pouca participação nas decisões, mau comportamento dos alunos e as expectativas que os familiares apresentam sobre o trabalho docente.

Outro estudo que aponta o sofrimento docente como sofrimento psíquico é de Nunes (1999), que afirma que esse sofrer é constatado na análise empírica do comportamento de 240 professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tendo em vista as prescrições e as condições de efetivação do trabalho pedagógico. Após observação com registro discursivo, analisando a complexidade das relações de trabalho e confrontando os dados com o referencial teórico, os argumentos levantados foram que, quanto mais estruturado e eficaz for o controle institucional na escola, menos espaços existirão para o exercício da capacidade criativa e inovadora da prática pedagógica, o que gera maior sofrimento psíquico, engendrando o Burnout, o qual é definido como

[...] essencialmente um sentimento de insignificância, é a percepção por parte de profissionais da área de serviços humanos que seus esforços para ajudar outros indivíduos são ineficientes, que sua missão é interminável e que as recompensas pelo seu trabalho não são suficientes (ROSSA, 2003, p. 108).

Segundo Rossa (2003), o Burnout do professor tem sido amplamente pesquisado, chegando a ser considerado representante do grupo mais estudado na literatura. Embora seja importante diferenciar o Burnout do estresse, pois estes se manifestam de maneiras

distintas e podem ter causas distintas, ambos são multidimensionais e, por isso, passíveis de influências significativas, como tempo de profissão, idade, gênero, nível de atuação, tipo de instituição e expectativas em relação à profissão.

Há aproximadamente 15 ou 20 anos é que esse cenário foi tomando outra forma e o professor passou a ser concebido como a principal vítima do estresse. Rossa (2003) classifica o estresse como um processo de reação e adaptação do organismo às demandas, que leva o indivíduo a desenvolver ou agravar diversas doenças físicas e emocionais. Segundo a autora, o estresse emocional desencadeia apatia, irritabilidade, raiva, depressão, podendo até gerar surtos e crises neuróticas. Já na área física, o estresse contribui para o surgimento ou agravamento de doenças crônicas como câncer, vitiligo, hipertensão arterial, úlceras e gastrites estomacais, psoríase, dermatites, entre outras.

Uma pesquisa da Data Folha (2014) revelou um percentual elevado de brasileiros, levando em consideração sua ocupação profissional docente, com sintomas relacionados ao estresse, como fácil irritação (57%), sensação de exaustão física, mesmo sem ter praticado qualquer esforço (53%), tristeza sem motivo aparente (47%), dificuldades para tomar decisão (46%) e para dormir (38%).

Dados preocupantes indicam que a carga excessiva de trabalho gerado pelas atividades extraclasse pode acarretar danos para a saúde física e mental desses profissionais, caso não se adotem medidas concretas para atenuar e até extinguir tal elemento desencadeador.

Neves (1999), em seu levantamento cujo objetivo foi o de traçar o perfil de morbidade de professores municipais de João Pessoa, constatou que foram registradas 395 licenças médicas por professores. Nesse quadro, 95% das licenças eram de professoras (sexo feminino) e as patologias que deram origem ao afastamento foram neoplasma (14,1%), sistema osteomuscular e tecido conjuntivo (11,5%), transtornos mentais (10,2%), aparelho respiratório (9,2%), aparelho geniturinário (9,2%), entre outras. A autora acredita que as expectativas das professoras em relação ao ofício estão ligadas às condições de vida, trabalho e sobrevivência.

Vedonato e Monteiro (2008), em pesquisa realizada com 258 professores de escolas estaduais de São Paulo, verificaram que a maioria destes profissionais apresentava estilos de vida precários, com a presença de muitos problemas de saúde, como transtornos musculoesqueléticos, respiratórios e mentais. Nessa mesma pesquisa, os referidos autores constataram que 96,5% dos sujeitos consideram o trabalho na escola estressante e sugerem que este fato possa estar relacionado com o aparecimento de transtornos mentais em 20,9% dos entrevistados, sendo que 74,1% destes faziam uso de medicamentos antidepressivos.

### **Condições de trabalho e saúde do professor**

A realidade com que o professor se depara nas escolas pode ocasionar de início um choque, pois a complexidade das salas de aula pode exigir muito além de todo o saber construído durante os anos de sua formação profissional, de sua busca por melhorias com as especializações e cursos, ou até mesmo de sua vivência de práticas diárias nas salas de aulas.

A rotina de trabalho dos professores não finda com a saída dos alunos da sala de aula, pois existem outras atividades que, frequentemente, são realizadas em sua residência. Os professores vêm acumulando inúmeras tarefas para além da sala de aula, tais como as festas escolares, reuniões, atendimento aos pais e as atividades burocráticas. O preenchimento dos diários de classe, o registro da frequência e da avaliação dos alunos são atividades rotineiras que, pela falta de tempo disponível para que sejam realizadas em horário de trabalho, na maioria dos casos são executadas no domicílio do professor.

O cenário da condição de trabalho dos professores traçado por Neves (1999) revela a existência não de um único fator de risco aos trabalhadores, mas de uma série de dificuldades que os profissionais encontram, incluindo a inexistência de espaço para o exercício da criatividade, turmas numerosas, crianças com problemas de aprendizagem, sociais e psicológicos, desconforto térmico nas salas de aula, horário extenso de trabalho, falta de tempo para reflexões ou para planejar o trabalho. Todos esses fatores são mencionados como os causadores de estresse e exaustão.

Com toda essa sobrecarga, antes mesmo de desenvolver alterações emocionais ou físicas, deve-se pensar em como os professores se sentem por atuarem em meio a tantas dificuldades. Objetivando compreender as consequências dessa sobrecarga de trabalho, Rossa (2003) entrevistou 62 professores que atuavam em instituições privadas (36%) e instituições públicas com tempo médio de profissão de 14 anos e descobriu um grau de insatisfação considerável entre eles, já que 62% dos entrevistados se mostraram insatisfeitos e as causas apresentadas por eles são: indisciplina/problemas de comportamento dos alunos, salário, dificuldades com a administração, falta de tempo/excesso de trabalho e falta de apoio dos pais dos alunos.

Silva (2010), investigando a atividade ocupacional geradora de sofrimento e adoecimento a partir do relato de quatro professores da rede pública do município de São Paulo, destacou que os professores trabalham em média 12 horas (de sala de aula) por dia, o que seria correspondente a oito aulas de cinquenta minutos cada, com cerca de 40 alunos com idade de 11 e 15 anos por classe. Essa pesquisa apontou que as condições precárias e alienadoras encontradas pelos docentes, ao executar suas tarefas, eram as responsáveis pelo desencadeamento de adoecimento relacionado, principalmente, com as emoções, estresse, depressão e labirintite.

Ainda sobre a média de alunos em sala de aula, cabe ressaltar o relato de uma professora da Rede Municipal de Ensino Fundamental de Montes Claros (MG), que ministrava aula para 170 alunos distribuídos em turmas diferentes e que precisava corrigir diariamente em torno de 32 a 34 cadernos. Para cumprir essa atividade, ela conta que fazia as correções na volta para a casa dentro do ônibus, na sala de espera de um consultório, ou até mesmo na sua hora de lazer “na hora da cervejinha”. Dessa forma, mais uma vez o excesso de trabalho está presente na profissão docente (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009).

Essa sobrecarga de trabalho também é evidenciada na pesquisa de Gasparini et al. (2005), para quem as mudanças na organização pedagógica das escolas desencadearam, além do aumento do volume das aulas e precariedade das condições de ensino, a diversidade e a complexidade existentes em sala, com as quais os educadores necessitam lidar para cumprir seu papel.

Noronha (2001), em seu estudo observacional com nove professoras do ensino fundamental, relata que o excesso de trabalho se expressa na superposição de tarefas, como educar e disciplinar, o que é intensificado pelo número de alunos em sala de aula e pelo excesso de controles externos, que geram mais trabalho. Quanto às condições de trabalho, o estudo apontou que as queixas são pela falta de material didático, número excessivo de crianças por turma, espaço pequeno, calor, barulho, baixa iluminação, rotina de trabalho excedente, baixos salários. Segundo os relatos das mesmas professoras, tais fatores afetam sua saúde porque as deixam muito cansadas, com dores nas pernas, desgastes emocionais, problemas vocais, estresse e cefaleias.

O quadro a seguir evidencia, resumidamente, os autores que se referiram aos problemas relacionados com o adoecimento dos docentes

QUADRO 01 Principais problemas da profissão referidos pelos autores referenciados

AUTORES	PROBLEMAS DA PROFISSÃO
Moraes Cruz (2010)	Jornadas excessivas de trabalho; elevado números de alunos/sala.
Rossa (2003)	Indisciplina; problemas de comportamentos dos alunos; baixos salários; excesso de trabalho; falta de apoio dos pais/alunos.
Assunção e Oliveira (2009)	Excesso de trabalho extraclasse; elevado número de alunos/sala.
Silva (2010)	Jornada de trabalho excessiva; elevado número de alunos/sala; condições precárias.
Noronha (2001)	Falta de material didático; elevado número de alunos/sala; espaço pequeno; calor; barulho; baixa iluminação; rotina de trabalho excedente; baixos salários.

Fonte: Elaboração das autoras.

A variável tempo de serviço também está relacionada ao desgaste docente. De acordo com Neves (1999), o tempo de profissão tem relação direta com a deterioração das condições de serviço, principalmente, da organização do trabalho docente, bem como a degradação social do estatuto do professor no país, com graves implicações em sua identidade e saúde mental.

Ainda sobre a jornada de trabalho do docente, cabe salientar que as tarefas não terminam ao soar do sinal, pois ao sair dos portões da escola os professores ainda levam consigo todo o trabalho de preencher o registro de frequência e os diários de classe, fazer as correções de trabalhos e provas e elaborar as aulas.

Segundo Moraes Cruz (2010), essas tarefas são consideradas rotineiras e desinteressantes quando organizadas na lógica de uma linha de montagem fabril. A docência possui uma natureza e especificidade de atividade que não pode ser decomposta sem o risco de empobrecer o trabalho que precisa ser iniciado e concluído pelo mesmo profissional. Essas tarefas exigem um conjunto de esforços desenvolvido para sua função, como esforço físico, cognitivo e emocional.

O estudo de Gasparini et al. (2005) mostrou especificadamente o perfil dos afastamentos do trabalho docente por motivos de saúde. Essa pesquisa, do tipo documental, analisou o Relatório da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (MG) do ano de 2003, com uma visão geral das consultas médicas e afastamentos de servidores públicos e observou que 84,2% dos servidores afastados tinham a função de professor. Em seguida, o foco voltou-se para os motivos dos afastamentos, apontando em primeiro lugar no número de afastamentos (15%) os transtornos psíquicos. Em segundo lugar, estão os afastamentos por doenças do sistema respiratório (12%) e, em terceiro lugar, as doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (11%).

Assim, são milhares de homens e mulheres, de diferentes idades, em todo o Brasil, que exercem a função docente e que sofrem, direta ou indiretamente, em menor ou maior proporção, com essa situação. Cabe questionar: como o corpo pode suportar tal quadro de pressão, responsabilidade, cobrança, exigências, angústias, sobrecarga, barulho e irritação? Na verdade, como apontamos nos estudos, nem sempre o corpo resiste.

## Metodologia de pesquisa

O estudo caracterizou-se como uma pesquisa de caráter quanti-qualitativo com intuito de investigar os principais motivos de adoecimento dos professores vinculados a Rede Municipal de Ensino de Cascavel, Paraná, que se afastaram de suas atividades no ano de 2014. Após a aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP- UNIOESTE) iniciou-se a pesquisa documental, que foi realizada na Divisão de Medicina e Segurança do Trabalho da Prefeitura Municipal de Cascavel, PR, com a autorização da responsável local, que disponibilizou os atestados cadastrados no ano de 2014 pelos professores da Rede Municipal de Ensino, por motivos de adoecimento.

De posse, então, desses documentos, havíamos constituído o corpus dos dados e partimos para a descrição, análise e interpretação dos mesmos, utilizando a técnica de análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2011).

Nosso intuito era identificar quais eram as principais doenças que acometeram os professores no ano de 2014; quais as doenças que exigiram maior e menor tempo de afastamento e quais as doenças que causaram mais reincidência que identificou os Códigos Identificadores de Doença (CID) apresentados como motivo de afastamento.

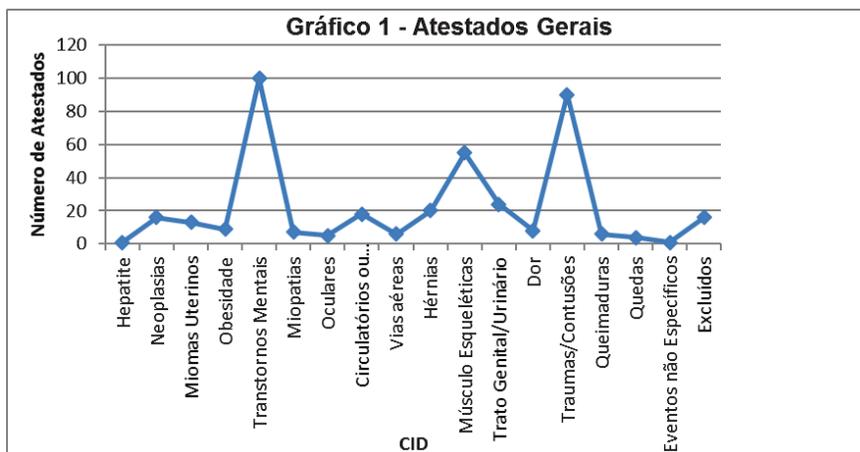
## Resultados e discussões

Junto à Divisão de Medicina e Segurança do trabalho da Prefeitura Municipal de Cascavel, PR, no período 01 de janeiro de 2014 a 18 de dezembro de 2014 foram cadastrados 410 atestados de licença ao trabalho por motivo de adoecimento. Tais documentos foram cadastrados por 175 professores, dada a circunstância que o mesmo professor poderia ter 1 ou mais atestados cadastrados, com o mesmo Código Identificador de Doença (CID) ou não. Do total, 168 atestados foram cadastrados por profissionais do sexo feminino (96%) e 7 por profissionais do sexo masculino. A idade média dos profissionais que cadastraram atestados foi de 41,83 anos, variando de 23 a 67 anos de idade. A média de dias de afastamento no ano foi de 53,72 dias, variando de 8 a 365 dias.

Cabe ressaltar que no ano de 2014 o Município de Cascavel contava com 1.480 professores cadastrados e em estado ativo de trabalho, ou seja, os 410 atestados cadastrados no ano correspondem a 27,70% dos professores que estavam em atividade.

Os 410 atestados cadastrados corresponderam a 156 CIDS diferentes, sendo que do total foram excluídos 16 atestados (3,90% da amostra) que se enquadraram nos critérios de exclusão propostos pelos pesquisadores, sendo 1 por cirurgia de desvio de septo, 14 por convalescência pós-cirurgia, 1 por malformação congênita.

Os atestados válidos para a pesquisa foram 394, referentes a múltiplas doenças. Cada CID tem suas especificações para detalhar exatamente o motivo do afastamento. Separando os CIDS em grandes grupos, podemos observar 18 motivos gerais de adoecimento, sendo eles: diarreias, hepatite, neoplasias, miomas, obesidade, transtornos mentais (emocionais), miopatias, doenças oculares, circulatórias ou vasculares, problemas das vias aéreas, hérnias, doenças músculo-esqueléticas, genitais e urinárias, dor, traumas e contusões, queimaduras, quedas e eventos não específicos de administração de escolas. O gráfico a seguir evidencia o número de atestados cadastrados em cada grande grupo.



Podemos observar que, entre os motivos que mais aparecem, 100 atestados (25,38%) estão relacionados aos transtornos mentais ou emocionais, 90 atestados (22,84%) se devem a traumas e contusões e 55 atestados (13,95%) estão associados às alterações músculo-esqueléticas

Delimitaremos, então, esses três grandes grupos, que foram mais recorrentes e que especificaremos a seguir. O primeiro grupo delimitado pelos CIDs de transtornos mentais ou emocionais foram os que mais apareceram. Dos 100 atestados com esse CID, 10 foram por Ansiedade Generalizada, 9 por Episódios Depressivo Grave sem Sintomas Psicóticos, 8 por Transtorno Depressivo Recorrente e 8 por Transtorno de Ansiedade.

Para reforçar esses achados dos principais motivos de adoecimento dos professores municipais de Cascavel, podemos destacar a pesquisa de Strieder e Czermanski (2008), que realizaram um levantamento sobre o estado de depressão e ansiedade de profissionais em educação básica do município de São Miguel do Oeste, SC, a cerca de 260 km da cidade Cascavel. Em tal estudo, os autores apontaram que 21,1% dos professores da rede municipal apresentam sintomas de depressão leve e moderada, 5,2% apresentam sintomas de depressão moderada a grave, 39% apresentam ansiedade leve, 21,1% apresentam ansiedade moderada e 4,5% ansiedade forte. Para os autores, os docentes com baixa autoestima tornam-se profissionais carentes e mais propensos a necessitarem de ajudas externas. Eles afirmam ainda que a ansiedade vem se configurando como um dos grandes problemas dos tempos atuais, também decorrentes da forma como vivemos nossos dias, em meio a situações de estresse e constante pressão. Dessa forma, a ansiedade e esse constante medo passam a se tornar patológicos porque interferem na qualidade de vida, no conforto emocional ou ainda no desempenho diário do indivíduo.

A recorrência de adoecimento por fatores emocionais ou estresse corrobora com o estudo de Silva (2010) citado anteriormente, em que foram entrevistados 4 docentes do município de São Paulo que lecionavam em média doze horas/aula por dia em salas com média de 40 alunos, com idade de 11 a 15 anos. Nas entrevistas, os profissionais correlacionaram essas condições de trabalho com seus motivos de adoecimentos e ainda afirmaram que as principais manifestações do sofrimento estão vinculadas a “emoções, estresse e depressão”.

O estresse, segundo Mota Cardoso et al. (2002) revela uma relação de

desequilíbrio entre o que um ambiente exige de uma pessoa e os recursos de que esta dispõe para de adaptar às exigências do ambiente. Muitas vezes, como mencionado nos estudos anteriores, esse descompasso ocorre nas escolas Brasileiras que dispõe menos do que o professor requer para o desempenho de sua função e isso acaba tornando-se uma situação ameaçadora, alterando o equilíbrio e deixando, portanto, os professores diante de uma situação estressante.

Os autores citados no referencial bibliográfico, fazem referência direta ao estresse associado à profissão docente, afirmam que seus efeitos podem comprometer a saúde física e mental dos professores, uma vez que as exigências do ofício podem ser interpretadas como ameaça ao seu bem-estar e auto-estima.

Lipp (2004) define stress como uma reação psicofisiológica muito complexa, que tem, em sua gênese, a necessidade de o organismo lidar com algo que ameaça sua homeostase ou equilíbrio interno. Isso pode ocorrer quando a pessoa se confronta com uma situação que, de um modo ou de outro, a irrita, amedronte, excite ou confunda, ou mesmo que a faça imensamente feliz.

O segundo subgrupo de atestados em evidência diz respeito a traumas e contusões. Esse foi o segundo grupo mais recorrente encontrado na nossa pesquisa, com 90 atestados cadastrados. Os motivos específicos mais recorrentes foram: 15 por Entorse e Distensão de Tornozelo, 9 relacionados à Contusão de Tórax e 7 por Entorse e Distensão de partes que não são joelho.

O terceiro maior motivo de afastamentos apresentado pelos professores de Cascavel foi distúrbios músculo-esqueléticos, com 55 atestados cadastrados. Desses, 6 por Lesões de Ombro, 5 por Dor Lombar Baixa e 4 com Dorsalgia, Ciática e também Distensão Muscular.

Do ponto de vista fisiológico, os sintomas osteomusculares são esclarecidos por Panzeri (2004) como solicitações do próprio sistema locomotor durante a realização das atividades da prática diária docente. Inicialmente, segundo a autora, ocorre o processo inflamatório com o posterior agravamento e a piora da sensação de dor, gerando contrações musculares contínuas, normalmente nos ligamentos, tendões e músculos, o que pode atingir uma fase crônica conhecida por ciclo de dor-espasmo-dor.

Ainda no mesmo estudo, a autora relaciona os sintomas osteomusculares com os problemas de estresse vividos pelos professores, decorrentes de burocracia excessiva, problemas com alunos, atividades extras, postura em sala de aula e fatores de ordem biomecânica no desenvolver das atividades.

Os dados encontrados em nossa pesquisa também vêm ao encontro da pesquisa de Gasparini et al. (2005), que analisou o relatório de consultas médicas de um ano, na cidade de Belo Horizonte, MG, onde observou que 84,2% das consultas anuais eram realizadas por professores municipais e os motivos principais que os levavam à procura médica eram em primeiro lugar transtornos psíquicos, em segundo alterações do sistema respiratório e em terceiro os distúrbios músculo esqueléticos.

Consideramos então que os problemas de saúde possam ter sua origem no modo de organização e vivência escolar, dessa forma defendemos a necessidade de conhecer as reais atividades desenvolvidas pelos trabalhadores docentes através da Entrevista Individual Semiestruturada que descreveremos a seguir.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa realizou um levantamento sobre as doenças que mais acometem os professores vinculados à rede municipal de educação de Cascavel. Algumas marcas como a depressão parecem ser bem mais complicadas do que se pensa, pois muitas vezes, como



PANZERI, A. J. F. **Sintomas osteomusculares e qualidade de vida em professores do Ensino Fundamental**. 2004. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

ROSSA, E. G.O. **Relação entre o stress e o burnout em professores do Ensino Fundamental e Médio**. Campinas: PUCCamp. Campinas, 2003.

SILVIA, F. G. O professor e a educação: entre o prazer, o sofrimento e o adoecimento. **Revista Espaço Acadêmico**. n.124, p.57-66, 2011.

SILVA, J.R.; ALMEIDA, C.D.; GUINDANI, J.F.; **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais Ano I - Número I - Julho de 2009. Disponível em

[http://redenep.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/pesquisa\\_documental\\_pistas\\_teoricas\\_e\\_metodologicas.pdf](http://redenep.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_documental_pistas_teoricas_e_metodologicas.pdf) Acesso em 08 de agosto de 2015

SOARES, C. L. (org). **Corpo e História**. Campinas, SP. Autores e Associados: 3 ed. 2006.

SOUZA, K. R. et al. Trajetória do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (SEPE-RJ) na luta pela saúde no trabalho. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.8, n.4, p.1057-1068, 2003.

STRIEDER, R.; CZERMANSKI, R. **Depressão e ansiedade em profissionais da educação do município de São Miguel do Oeste**. 2008. Disponível em:

<[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2008/Formacao\\_de\\_professores/Traabalho/07\\_59\\_29\\_DEPRESSAO\\_E\\_ANSIEDADE\\_EM\\_PROFISSIONAIS\\_DA\\_EDUCACAO\\_DO\\_MUNICI.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2008/Formacao_de_professores/Traabalho/07_59_29_DEPRESSAO_E_ANSIEDADE_EM_PROFISSIONAIS_DA_EDUCACAO_DO_MUNICI.pdf)>. Acesso em: 9 nov. 2015.

VEDOVATO, T. G.; MONTEIRO, M. I. (2008) Perfil sociodemográfico e condições de saúde e trabalho dos professores de nove escolas estaduais paulistas. **Rev. Esc. Enferm. USP** [online], v. 42, n. 2, pp. 291-297.

**Recebido em: 29/07/2016**  
**Aprovado em: 20/02/2017**